









# LEYES IMPRESSÕES COLHIDAS NA CIDADE DO PORTO

No século sintaxe, no século vertigem em que vivemos o homem sente-se bem quando marcha a oitenta quilómetros por hora.

Vamos a oitenta quilómetros por hora — disse-me um passageiro, quando ali por alturas de Estarreja, o rápido corria veloz em frente da planície muito verde, de um verde macio, triste e extenso que se perdia na neblina azul do Oceano. Quando o monstro de ferro, longo como uma serpente, passou junto dum speadeiro ou dum casinhoto unido parecia ameaçar levar tudo atrás de si numa carreira doida, numa cavalcada para a morte. E' belo e aterrador viajar assim. O encanto das cousas que se olham num segundo e ficam sempre para trás, muito para trás a diminuir e a desaparecer, é tam efémero que o pensamento não tem tempo para dele se apreender completamente. A oitenta quilómetros a hora não se medita sobre o que se vê, colhem-se apenas impressões fugazes, incompletas. Como beijos de amor que não se chegam a dar, palavras de ternura que a morte súbita cortasse, manjar delicioso que não se saboreou, palácio encantado a cuja porta se aproximou, assim é a passagem de coisas que se entrevê da janela do comboio, a oitenta quilómetros a hora.

Como eu tive pena de não poder integrar-me completamente na melancolia daquela paisagem verde, plana, onde um raro pinheiro solitário se erguia, como um espectro, e velas brancas de barcos, vogando silenciosas pelas águas invisíveis, escondidas no grão-amplio, lembravam almas perdidas em ameno deserto.

Mas a vertigem impiedosa do rápido já não levava entre as ondas elegantes e espumosas do Atlântico. Gózo dum momento sempre insatisfeito, é a vida de hoje, do século XX, do século do vôo sobre oceanos e continentes, das realizações velozes, das sínteses máximas, das paixões absorventes que nem um momento, que nem um minuto corras e reinos, glórias e vaidades, religiões e templos.

## Suspensão sobre o Douro

Acesso o cigarro — o melhor companheiro de viagem — tiradas duas fumadas, eis que surge perante os nossos olhos o espectáculo inesperado da cidade do Porto, apoteose de casaria d'era, refulgindo sob um raio de sol discreto que naquele dia sorriu-te a ambigüidade de aparecer para que a capital do Norte me recebesse, sorrindo.

E' branda a velocidade do comboio, que entra na ponte de D. Maria. Vai de mansinho suspenso sobre o Douro. Lá em baixo, muito distantes, barquinhos vogando serenos no dorso do rio. O Porto mostra-nos, imponente, o fulgor da sua casaria, que se estende medulante para os lados da Foz.

O olhar espreguiça-se sobre o largo orama, esquece-se contemplando, desatenta, Corta-nos de súbito a paisagem, uma escuridão espessa e envolvente, como no teatro as mutações de cena.

Passa aquele momento de negrume e logo, à direita, o Douro surge de novo, numa fuga rápida. Outro túnel, longos minutos perdidos na treva, num sonho.

## O SABONETE JACOBUS

O melhor SABONETE de toilette

O mais perfumado  
O mais higiênico  
O de maior duração

## PEÇAM-NO

em todas as  
drogarias e perfumarias

DEPOSITO GERAL:

Sociedade de Produtos

Químicos L. da

Campo das Cebolas, 43, 1.º

Lisboa

num pesadelo. Acordamos em plena gare de São Bento, cheia de movimento, de gente que embarca e desembarca, de malas às costas de moços, de exclamações, de palavras soltas, de apitos estridentes.

## A sedução da cidade

Estamos na vasta sala de espera da estação. Como é diferente da do Rossio. Olhamos as paredes altas, cobertas de azulejos, sobre os quais se fixaram quadros alegóricos aos meios de transporte de várias épocas. Há um grande quadro onde homens de riste, cavalheiros em corrida doida, pendões ao alto, se entrecruzam numa confrangedora confusão de corpos. E' uma batalha, uma chacina, um matadouro humano pintado em azul de todas as tonalidades. Mas não há tempo para pensamentos anti-militaristas. A vida chama-me lá fora. Ruídos característicos de grande cidade — buzinas de automóveis, campainhas de eléctricos, rodar de carros — atraem-me, seduzem-me, sinto d'elles seis horas de saudades, seis horas passadas no rápido entre paisagem de meio país.

Ai daquele que muito tempo viveu na cidade! A cidade é, como o tabaco, um vício que se introduz nas veias do homem moderno! Escutar o movimento duma cidade, é ouvir a voz duma mãe maldosa que nos leva para o lumito, para a febre, para a luta. E lancei-me, pela porta, da gare, em plena da cidade do Porto.

## O valor das cousas insignificantes

As cidades — permitam-me o paradoxo — são todas iguais e todas diferentes. As mesmas pessoas apressadas, mudas, fechadas a sete chaves nos pensamentos, acotovelam-se, os mesmos trens, de cortinas corridas passam levando lá dentro mistérios de amor; os mesmos automóveis atropelam o transeúnte distraído, que nem sabe como morre; a mesma casaria ali projecta sobre nós a sua sombra sinistra; das mesmas janelas ali o bafo de tragédia familiar; nos mesmos cafés discutem-se futilidades. Por isso quando atravessamos a praça da Liberdade, eu senti-me em Lisboa, le-

vado no turbilhão estonteante do Rossio, alarmado pela avalanche de automóveis que se entrecruzavam em todas as direcções.

As cidades são todas idênticas nas suas linhas gerais. Não são lhas notamos diferença nas pequenas cousas, nos pormenores. E os pormenores que não se aprendem, à primeira vista, são afinal a diferença fundamental das cousas semelhantes. Quando nos assenhoreamos bem, pormenorizadamente dos pormenores duma cidade é que avaliamos bem quão diversa ela é de todas as outras.

Vamos, pois, aos pormenores portugueses, às cousas insignificantes porque, sendo as mais valiosas, mais interessam decerto ao leitor.

Não se vê no Porto, como em Lisboa, passeios laterais cravejados de pedrinhas brancas e medúas — veem-se paralelepípedos lisos e cinzentos. Não se entra numa escada, como na capital, por engraçar as botas; lá existem os engraxadores ambulantes, caixa de madeira, cuja presa numa correia a tiracolo, quipercorem as ruas e praças. Estão en-

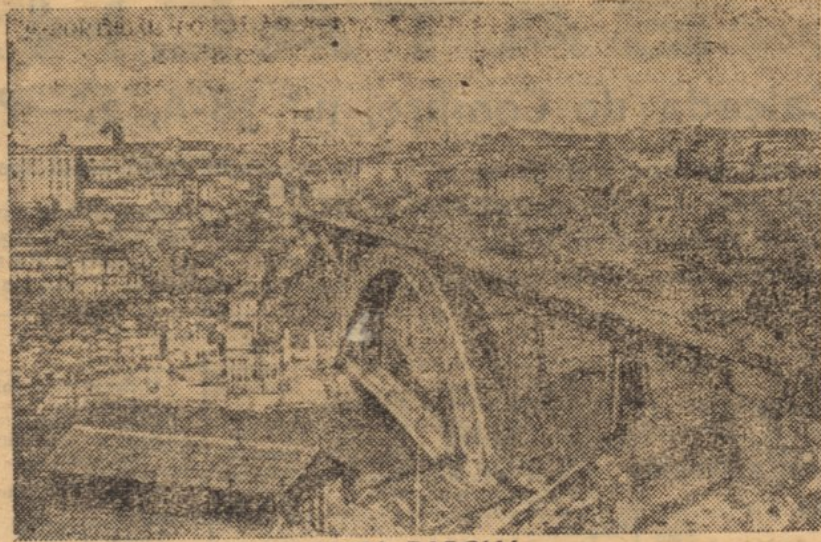
DIZ-SE UM POUCO

DO SEU ASPECTO,

DAS SUAS PRAÇAS,

DO SEU MOVIMENTO

SOCIAL, DOS



VISTA PARCIAL

lameadas as botas? Abre-se uma pesada porta de madeira e logo na sua frente cai de joelhos um cavalheiro que nos olha escova, deita graxa e puxa lustro enquanto o Demo esfrega um olho. Paga-se e sempre a andar, não se perde, como por vezes cá sucede, precioso tempo encurralado numa escada à espera de vez para engraxar as botas.

Outra coisa que marca bem a diferença entre Lisboa e Porto: os eléctricos! A capital do Norte é a cidade do país pior servida de viação eléctrica — o que sobremaneira honrará o sr. Severiano, director da respectiva companhia. Os carros são verdes, listrados de branco. Quando se entra — entra-se num pardieiro imundo. Os bancos não são polidos com verniz, são polidos com porcaria. Nem sabe a gente onde sentar-se. Nas subidas, temos a impressão de que os pobres carros cambaleantes, suam do esforço que fazem — e o passageiro sente-se cardíaco, — de pensar que o desgosto eléctrico, faltando-lhe as forças, pode despenhar-se numa corrida louca, ládeira abisxo até ao Inferno. Um pavor!

## O "Paris" centro de cavaqueira

Ao cabo de dois dias o lisboeta sente-se no Porto, como em sua própria casa. Se não tem que fazer sabe que,



Entrada das ruas 31 de Janeiro e Sá da Bandeira

sentado nos estôlos dos Miagestis, ante uma chavena de café de 3.ª qualidade, em amena cavaqueira com os amigos, passam-se as horas velozes como gaze-

## Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como roças, bocas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. (E' a casa que fornece em melhores condições).

## FATOS!!!

Bons e baratos é o ideal

Fabrico manual com muito boas lhas

a 35 e 40 escudos o metro

Vendas por conta da fábrica

Pedir amostras a: JORGE CAMPELO

Por carta a esta redacção

ou R. Senhor. da Glória, 95, 2.º

Pelo Telefone G. 293

Esperem mostruário de ESTAMBRES

para a nova época.

—Sim, sim! repetiram os milicianos e os servos

do grande sacerdote, merecia a morte, à morte!

—Conduzam já o criminoso à presença do sr. Pôncio

Pilatós, governador da Judéa por parte do impe-

rador Tibério, disse Caifaz aos soldados, só ele pode

ordenar a morte do réu.

A estas palavras do príncipe dos sacerdotes, arras-

taram o filho de Maria para fora da casa de Caifaz,

para o conduzir à presença de Pôncio Pilatos.

Geneveva, confundida entre os servos, seguiu os

soldados. Ao passar por debaixo da abóbada da porta,

viu Pedro, esse cobarde discípulo do jovem mestre (o

menos cobarde de todos, pensava ela, por que ao me-

nos o tinha seguido até ali), viu Pedro desviar os

olhos quando Jesus, procurando encantar o seu disci-

pulo, passou por diante d'ele entre os soldados. Uma

das servas da casa, reconhecendo Pedro, disse-lhe:

—Tu não estavas também com Jesus, o Galileu?

E Pedro, corando e baixando os olhos, respondeu:

—Não sei o que dizes.

Um outro servo, ouvindo a resposta de Pedro, re-

plicou, designando-o aos outros assistentes:

—Digo-lhes eu, que este estava também com Jesus

de Nazaré.

Juro, exclamou Pedro, juro que não conheço Je-

sus de Nazaré.

As! noite sabe também que no café Paris, escondido numa travessa soturna, encontra sempre camaradas com quem pode, à vontade, desabafar as suas iras contra a burguesia e contra o Estado.

O Paris, centro de reuniões dos avançados, é um corredor estreito, o fumo do tabaco a encher a atmosfera de nuvens azuladas, as mezas sempre cheias, uma pessoa afita pisando calos, saltando, sem cerimónia, sobre os habitantes na perseguição duma cadeira. E assim o Paris, quando se entra. Porém, conquistada uma cadeira, abandonado o recinto em frente da meza de supposto mármore, ou se joga o dominó, grave, silencioso, ou se embreha numa discussão animada sobre questões sociais, problemas do futuro e dificuldades do presente.

O Alves Pereira, da Comuna, sempre sorridente, os bigodes que foram louros caídos sobre os cantos da boca, conta anedotas sobre anedotas, umas verdadeiras outras inventadas na ocasião. O Santos Vireu indigna-se invariavelmente contra a falta de consciência das massas: o Joaquim do Carmo, dos Descarregadores, faz blague; o Felisberto Baptista, da delegação confederal, secundado o Paris só apresenta cadeiras vazias quando há conferência, assembleia, sessão importante, ou quando alguma reunião prende nas sedes dos organismos operários os militantes mais activos.

## O ambiente revolucionário

No Porto, são dois os centros da actividade revolucionária: na sede da U. S. O. e na redacção de A Comuna. Na U. S. O. age-se, em A Comuna pensa-se. Na U. S. O. estão os sindicalistas revolucionários, em A Comuna os anarquistas. Esta é o pensamento, aquela o movimento. Uma é o cérebro, a outra o braço.

O Porto é, sob o ponto de vista revolucionário, muito diferente de Lisboa. Lá existe uma elite de militantes, proporcionalmente maior e mais activa do que por cá. Essa elite estiola-se, gasta-se numa propaganda difícil junto dum operariado que seria indiferente se não fosse essa mesma acção dos militantes. No Porto é a elite consciente, que à custa de muito trabalho impõe o povo para a acção; em Lisboa, muitas vezes é a massa, com o seu peso atarrador, com o seu espírito de revolta que empurra os militantes. Não sabemos qual será mais vantajoso.

O que se executa naquela cidade em matéria revolucionária é quasi sempre melhor pensado e estudado. Em Lisboa, muitas vezes, o militante não tem tempo de pensar, porque os acontecimentos precipitam-se numa velocidade vertiginosa.

A mocidade é, como em toda a parte, inconstante. A sua acção verifica-se por períodos. Agora encontra-se num momento de elevação, de ansia de realizações. Por sua iniciativa fundam-se Sindicatos, uma escola, onde se ensina a ler, escrever e se dão noções de geografia. O próximo congresso juvenil, traz a Juventude Sindicalista enfiada de braços e o trabalho despendido na recolha de fundos para a boa realização dessa grande assembleia da mocidade revolucionária portuguesa, pode considerar-se notável.

per; muitos mendigos e vagabundos que tinham dormido nos bancos colocados ao pé das portas das casas, acordaram ao barulho dos passos dos soldados que levavam o jovem mestre: Geneveva esperou que aquela pobre gente, seguindo-o sempre, chamando-lhe amigo e com a desventura do qual se comovia ternamente, fôsse reunir-se aos companheiros para livrar Jesus e, por isso, disse a um daqueles homens; —Não vê que estes soldados levam preso o jovem mestre de Nazaré, o amigo dos pobres e dos aflitos? Querem matá-lo, corra em sua defesa... livre-o! amotina o povo! e os soldados não tardaram em fugir.

Mas o homem respondeu assustado:

—Os milicianos de Jerusalém talvez fugissem; mas os

soldados de Pôncio Pilatos são aguerridos, têm

boas lanças, grossas couraças e espadas bem afiadas.

¿Que poderemos nós tentar contra eles?

—Mas revoltem-se em massa, armem-se de pedras

e de paus! exclamou Geneveva, e, ao menos, morre-

ráo vingando aquele que consagrou a vida à causa do

povo!

O mendigo abanou a cabeça e respondeu ao mesmo

tempo que um dos companheiros se chegava para ele:

—Por mais miserável que seja a vida ninguém de-

seja perdê-la... E' querer arrostar a morte ir atacar

os soldados romanos?

—Demais, replicou o outro vagabundo, se Jesus

de Nazaré é um Messias, como muitos o foram antes

d'ele e como muitos ainda o serão... é uma desgraça

se o matarem... mas nunca faltarão Messias em Is-

rael.

—E se o condenam à morte! exclamou Geneveva,

é porque ele foi sempre pelo povo... é porque lasi-

cou as desventuras dos pequenos... é porque enver-

gonhou os ricos da sua hipocrisia e da sua dureza com

aqueles que sofrem!

—E' verdade; prognosticou-nos sempre o reino de

Deus, cá na terra, respondeu o vagabundo tornando a

deitar-se no banco, assim como o seu camarada, para

se aquecer aos raios do sol nascente, mas o certo é

que nós não vemos esses belos dias que ele nos pro-

mete... e somos tam miseráveis hoje como o eramos

ontem e como o seremos amanhã...

—E quem lhes disse que esses belos dias, prome-

tidos por ele, não chegarão amanhã? replicou Gene-

veveva. Não é preciso a colheita o tempo de brotar,

de crescer e do amadurecer?... Pobres cegos impa-

cientes! Pensem que deixar matar aquele a quem cha-

mavam seu amigo, antes que ele tenha fecundado a

boa semente que lançou em tantos corações, é calcar

aos pés, é aniquilar uma colheita ainda verde e talvez

magnífica...

Os dois vagabundos calaram-se, abanando a ca-

beça, e Geneveva afastou-se d'elles, dizendo consigo

mesma submergida em profunda dor:

—Não encontrei por toda a parte senão o esqueci-

mento, a ingratidão, a cobardia e a traição! Oh! não

será o corpo de Jesus que crucifiquem, mas o seu co-

ração...

A escrava apressou-se em reunir-se aos soldados

da escolta, que se aproximavam cada vez mais do pa-

lácio de Pôncio Pilatos. No momento em que ela alon-

gava o passo, notou um certo rumor entre os milicia-

nos de Jerusalém, que pararam de repente. Subiu a

um banco de pedra e viu Banaías, sósnio, debaixo de

uma arcada estreita que os soldados tinham de atra-

vessar para se dirigirem a casa do governador, impe-

dindo-lhes audaciosamente a passagem e fazendo re-

demoinhar em volta d'ele o seu grande pau, com uma

bola de ferro na extremidade.

—Ah! este, ao menos, não abandona aquele a quem

chamava seu amigo! pensou Geneveva.

—Pelos ombros de Sansão! exclamou Banaías com

voz retubante, se vocês não põem no mesmo instante

o nosso amigo em liberdade, milicianos de Belzebut!

malhá-lo-hei tanto como o mangual malha o trigo na

eira!... Ah! se eu tivesse tempo de juntar um bando

de companheiros tam resolutos como eu para defende-

o nosso amigo de Nazaré, então seria ordem expressa

e não um simples pedido que eu lhes faria, e esse sim-

SEUS CAFÉS, DA

SUA FEBRE DE MO-

DERNIZAÇÃO, DOS

BAIROS E DO SEU

... TRABALHO ...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...



